

As Propostas Estéticas de Augusto Abelaira

Profa. Dra. Isabela Gomes Bustamante¹

Resumo:

A escrita experimental de Augusto Abelaira apropria-se de conquistas de movimentos filosóficos, estéticos e literários, em desenvolvimento no século XX, para produzir uma forma inédita de narrativa, em Portugal. Pensando as propostas estéticas do autor, este estudo tem como objetivo analisar três obras de Abelaira, *Bolor* (1968), *Quatro Paredes Nuas* (1972) e *Nem só mas também* (2004, póstumo), tendo como premissa suas aproximações com o *Nouveau Roman* e com o Existencialismo Sartriano. O primeiro, movimento iniciado na França e cujo principal teórico foi o escritor e teórico literário francês Alain Robbe-Grillet, caracterizou a literatura nos anos 50 que experimentava diferentes estilos em contrapartida à escrita tradicional. Além de compreender as relações do autor com o *Nouveau Roman*, este trabalho pretende abordar as relações entre as narrativas ficcionais de Abelaira e o Existencialismo Sartriano. Para tal, é crucial pensar como o autor compreende o indivíduo, suas inquietações e preocupações existenciais. Após o estudo das aproximações acima citadas, serão discutidas as práticas realistas que o autor exerce nas obras em estudo.

Palavras-chave: Augusto Abelaira, *Nouveau Roman*, Existencialismo

A literatura é mais um meio de inventar questões do que respondê-las.¹

Augusto Abelaira

1 Introdução

A epígrafe selecionada para introduzir este estudo foi retirada de uma entrevista concedida pelo escritor português Augusto Abelaira ao *Jornal do Brasil*, em 1976, em um artigo intitulado “Literatura em Portugal hoje”. Nela, busca-se uma compreensão acerca do pensamento do autor sobre a função da literatura, questionamento fulcral em um estudo que deseja entender seu projeto literário. Ao mencionar que a literatura é um “meio de inventar questões”, Abelaira demonstra uma preocupação não em trabalhar com a realidade mimetizada, mas sim questionada, de onde se extrai elementos que fomentem sua narrativa. Como mencionado, a entrevista foi feita dois anos após a Revolução dos Cravos, portanto, em um ambiente pós-revolucionário que carrega consigo todas as incertezas e inseguranças não só com relação ao presente, mas também com o futuro que se apresenta, ao mesmo tempo, promissor e ameaçador.

O primeiro romance de Abelaira, *A Cidade das Flores*, foi publicado em 1959 e o último, póstumo, *Nem só mas também*, em 2004. Suas obras perpassam a segunda metade do século XX, logo, é possível nelas perceber e compreender todos os anseios, desejos e frustrações de uma geração que cresceu sob o regime ditatorial, isto é, amedrontada, cerceada, mas, ao mesmo tempo, ansiando pela revolução que a libertaria. Neste contexto de sufocamento, constroem-se identidades oprimidas, fragmentadas e fragilizadas, que questionam suas próprias existências e seus papéis como indivíduos inseridos em sociedade. Esse indivíduo é trabalhado nos romances de Abelaira

¹ ABELAIRA, Augusto. Literatura em Portugal hoje. (Entrevista à Susana Schild). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6, 28 de agosto de 1976.

através de personagens que são indivíduos urbanos que confrontam impasses políticos e culturais do final do século XX. Augusto Abelaira, em um rigoroso trabalho estético, constrói uma *escrita da experiência* em narrativas que mostram impasses que surgem das representações da experiência, que, de certo modo, sinalizam o projeto literário do autor.

A seleção das obras para este estudo reside no fato de que cada uma delas sintetiza, a seu modo, o projeto literário do autor: *Bolor*, de 1968, beira o experimentalismo e concentra as forças ficcionais mais marcantes das obras de Abelaira; *Quatro Paredes Nuas*, de 1974, seu único livro de contos, articula cuidadosamente, em sete narrativas breves, questões desenvolvidas em sua obra como um todo e *Nem só mas também*, romance póstumo, de 2004, encerra a sua produção literária e distancia-se, temporalmente e conceitualmente, do neo-realismo, movimento com o qual o autor tinha aproximações, na medida em que claramente apresentava uma preocupação com as questões socialistas defendidas pelos autores neo-realistas, como o combate à opressão e à ditadura.

Augusto Abelaira, em sua escrita experimental, inova a literatura portuguesa ao incorporar, em sua escrita, conquistas de movimentos filosóficos, estéticos e literários em desenvolvimento no século XX. Neste artigo, estudo aproximações de três obras do autor com dois desses movimentos: o *Nouveau Roman* e o Existencialismo. A aproximação com o primeiro situa-se mais no nível formal e estético de sua obra ao passo que com o segundo, tal aproximação deve-se ao fato de o autor trabalhar com personagens inquietos emocionalmente que questionam sua própria existência, não apenas na vida doméstica, mas também na vida pública.

2 Abelaira e o *Nouveau Roman*

O *Nouveau Roman* foi um movimento iniciado na França, nos anos 50, cujo principal teórico foi o escritor e teórico literário Alain Robbe-Grillet. Ao questionar a narrativa tradicional, ele caracterizou um tipo de escrita que buscava o experimentalismo através de estilos diversos. Em Augusto Abelaira, percebe-se a influência do *Nouveau Roman* quando o autor rejeita estruturas literárias antigas. Para Robbe-Grillet, “cada romancista, cada romance, deve inventar sua própria forma” (ROBBE-GRILLET, 1969, p.10) e é exatamente essa construção que Abelaira elabora nos romances em estudo, pois, ao questionar o seu fazer literário, o autor questiona a própria escrita. No romance *Bolor*, por exemplo, a escrita é tão crucial para a narrativa que é um quase-personagem, pois, ao mesmo tempo em que ela é um meio para que a comunicação seja estabelecida, também é via para certos questionamentos. Se, por um lado, temos um romance em forma de diários, que, *a priori*, são objetos íntimos e, muitas vezes, secretos, por outro, temos um jogo do autor de subversão do gênero textual ao deturpar a sua ordem cronológica e ao confundir sua autoria.

Outra característica do *Nouveau Roman* em Abelaira pode ser percebida no romance *Nem só mas também*, onde inexiste uma narrativa dramática; o personagem-narrador faz anotações do que observa sentado em uma esplanada. A ausência de causa e efeito, a concepção alternativa de tempo e a falta de um estudo psicológico dos personagens nesse romance demonstram a busca do autor por experimentar com a forma e propor uma nova estética literária. O prosaico, também característico do *Nouveau Roman*, é outro conceito presente nestes romances, onde referências aleatórias ao cotidiano são recorrentes, diminuindo ainda mais as fronteiras entre os espaços públicos e privados. Abelaira, através de elementos do cotidiano, discute a fragilidade das relações domésticas e sociais.

A narrativa tradicional trabalha com uma escrita que se interessa pela dramaticidade dos fatos narrados, em uma relação de causalidade. O *Nouveau Roman*, diferentemente, interessa-se mais

pela narração da interiorização dos personagens, como uma câmera que filma com fidelidade o que se passa em seus pensamentos. Em *Bolor*, o diário funciona como via para que tal interiorização seja narrada, como acontece no capítulo “25 de fevereiro”:

Surpreendo Aleixo a escrever num caderno muito parecido com este (ou deixar-se-ia surpreender de propósito?).

- Um diário íntimo... – digo, vagamente recordado de que já uma vez lhe ouvi uma frase semelhante (vagamente desejoso, agora, ao cobrir o papel com palavras azuis, de fugir, ao menos, eu, a escrever um diário íntimo, de transformar este caderno num meio de me libertar de mim mesmo, de falar interessadamente dos outros.(ABELAIRA, 1968, p. 77)

Neste trecho do romance, além do desenvolvimento da interiorização do personagem Humberto, há uma discussão do poder libertador da escrita, não apenas como possibilidade de exercício da comunicação, mas também como poder de ação, de capacitação do personagem para agir e para ser responsável pela construção de sua própria história. Tal libertação emerge do contraste entre o privado, representado no romance pelo diário, e a vontade de sair de si mesmo e questionar o outro, falando “interessadamente deles”.

As escolhas de Abelaira por escrever romances distantes dos padrões tradicionais o aproximam do *Nouveau Roman* ao mesmo tempo em que funcionam como artifícios para que ele narre sensações de desgaste, sufocamento, dúvida e incomunicabilidade, sensações sentidas tanto no ambiente doméstico, em relações desgastadas, assim como no público, em um país, por quase meio século, sob o regime ditatorial. Neste sentido, “é significativo que o abandono da estrutura do romance como relato linear tenha coincidido com o questionamento da visão da vida como existência dotada de sentido, no duplo sentido de significação e direção” (BOURDIEU, 1996, p.185). O entedimento do sociólogo francês Pierre Bourdieu mostra como a narrativa clássica não dá conta do emaranhado de sentimentos que surgem em um ambiente de castração, pois, por a linguagem se tornar precária, logo, surge a necessidade pela busca de novos estilos, de novas formas de narração que dêem sentido e que possam representar elementos extraídos da experiência com o real.

Por um tempo, houve um embate entre os neo-realistas e os teóricos do *Nouveau Roman*, pois os primeiros acreditavam que estes produziam uma arte menos engajada no processo político do seu país. Contrariando essa argumentação, a obra de Abelaira apropria-se de características do movimento francês, tais como a subversão da noção de tempo, do amplo uso de digressões, através de um uso exaustivo com a linguagem, para despistar a censura e procurar criticar e combater, acima de tudo, a mentalidade passiva de uma parcela do povo português.

3 Abelaira e o Existencialismo

Augusto Abelaira, ao narrar a interiorização dos personagens e ao questionar a incomunicabilidade entre eles, discute questões ligadas à essência dos indivíduos, a sua existência. Essa abordagem existencial do indivíduo aponta aproximações do autor com o Existencialismo, que nasceu como corrente filosófica em uma Europa exausta pós-segunda guerra, tendo origens, principalmente, nas obras de Sören Kierkegaard (1813-1855). O Existencialismo foi amplamente estudado por intelectuais como Jean Paul Sartre, Albert Camus, Boris Vian, Simone de Beauvoir, para citar alguns.

O que aproxima o autor em estudo, Augusto Abelaira, do Existencialismo é a sua

preocupação em compreender o indivíduo, suas inquietações e preocupações existenciais. Neste estudo, já foi discutida a intenção de Abelaira em apresentar e representar a ausência de comunicação entre os indivíduos, conceito fulcral para os existencialistas. Em Abelaira, o silêncio, a incomunicabilidade e a passividade dos personagens conduzem ao conceito do nada, que, para os existencialistas, atua como uma falha (SARTRE, 1997, p. 65). Tal falha, denunciada por Abelaira, expõe vidas solitárias, claustrofóbicas e angustiantes. A busca pela comunicação através da escrita proporciona aos personagens uma interação com o outro e com o mundo em que vivem. Em Abelaira, os personagens vão se revelando e fornecendo pistas de suas identidades através da interação com o outro, o que possibilita sua existência.

O conceito existencialista de Sartre de essência, segundo o qual o indivíduo se constrói através de sua existência, aproxima-se dos personagens abelairianos na medida em que, por viverem anos sob a ditadura, habituam-se a terem suas vidas controladas pelos poderes fortes e, conseqüentemente, a temerem uma tomada de posição. Este sujeito encontra-se perante um futuro pelo qual não quer se responsabilizar, o que gera nele, ao mesmo tempo uma inércia e uma angústia por acreditar que poderia estar participando ativamente da vida política e social. No conto “Nem mesmo tu”, de *Quatro Paredes Nuas*, por exemplo, o personagem admite sua passividade e desimportância como sujeito:

- Não sofro... – Onze cabelos brancos, não, doze, consigo descobrir um décimo segundo. – Ouve-me... Sim, às vezes penso: “Sou um canalha, um egoísta feroz...” Mas nem sequer isso! Até a dignidade de ser um canalha me falta, talvez seja o que pareço ser, medíocre em tudo, no bem e no mal... E represento uma comédia a ver se posso passar por interessante, mas não tenho qualquer interesse, o próprio interesse é fingido. Um romancista em potencial, afinal! Sobretudo isto: talvez nada tenha que confessar, sejam vulgaríssimos os sentimentos que encontro dentro de mim.[...] (ABELAIRA, 1974, p.79).

Neste trecho, há uma tomada de consciência do personagem de sua própria inação e das suas responsabilidades por sua existência. Para Sartre, essa conscientização torna-se uma condenação (SARTRE, 1997, p.782) a partir do momento em que o indivíduo compreende que não há como responsabilizar o outro por suas escolhas, visto que ele é livre para agir, logo, a condenação vem do fato de ele não poder fugir das suas próprias escolhas. Essa angústia do indivíduo perante a sua existência, onde ele encontra-se ao mesmo tempo diante de um futuro desconhecido e vinculado a um passado traumático e hostil, faz com que reste a ele a fuga como forma de “abafar ou mascarar a angústia, desarmando as ameaças que vêm tanto do passado quanto do futuro” (COLETTE, 2009, p.75). Esse conceito de fuga é constante em Abelaira, em elementos como o mar, o barco, as traineiras. Em “Teatro”, segundo conto de *Quatro Paredes Nuas*, o narrador situa o casal Artur e Ana Isa no seguinte contexto: “Voltados para a praia, Artur com a caixa de fósforos na mão, ela muito direita, os braços cruzados. Uma traineira apitava, os pescadores corriam no convés, o barulho ferrugento das ancoras durou breves instantes.” (ABELAIRA, 1974, p. 24). A fuga gerada pela angústia existencialista reside justamente nesse *enlightment*, no momento em que o indivíduo percebe que todas as suas ações e inações terão consequências para ele e para o coletivo. Sartre acredita ser impossível pensar-se isolado, sem que suas ações atinjam o outro. O narrador de *Nem só mas também*, ao refletir sobre o conteúdo de sua escrita, pensa a importância das escolhas na vida do sujeito.

O que se disse (o que se escreveu) é sempre incompleto, às vezes por culpa da memória, outras da preguiça (a falta de paciência para nos alargarmos nos pormenores), outras ainda pela natural impossibilidade de dizer tudo (escrever tudo, mesmo com paciência, consome mais tempo do que o próprio tudo) ou até porque a minha atenção deslizara para outros acontecimentos. Resumindo, torna-se necessário escolher, mas escolher implica avaliar a importância dos fatos, e como eles não valem apenas por si mesmos mas também pelas conseqüências, maiores ou menores, torna-se sempre difícil, para quem não alcançou ainda o futuro, avaliá-los, escolhê-los (situação natural de todos os humanos) (ABELAIRA, 2004, p. 116).

Essa náusea, angústia existencialista sentida pelo sujeito ao constatar sua responsabilidade no mundo, paralisa o personagem que acaba por sentir-se impotente e sem perspectivas, sensações muito comuns em um contexto traumático, como o pós-guerra e, no caso dos personagens abelairianos, em um país oprimido pela ditadura.

4 As práticas realistas em Abelaira

Para a intelectual existencialista Simone de Beauvoir, “não se pode escrever nada com indiferença” (BEAUVOIR, 2009, p.19), pois o sujeito é responsável pela sua existência e pelo o que dela faz. A escrita, uma das vias principais de interação entre os sujeitos, é a ação principal das narrativas de Abelaira em estudo, onde o autor propõe um fazer literário que busque extrair elementos da realidade para que o real possa ser reinventado. Pensando desta forma, entendemos que o trabalho do autor com o real não concentra-se apenas no presente, pois, um real digressivo se depara com a insuficiência do presente em abarcá-lo. O real digressivo de Abelaira é o real do devir, que pode vir a ser real, pois é sutil e desobjetivado, condizente com o panorama português da segunda metade do século passado. É nesse ambiente que transitam os personagens abelairianos, especificamente os personagens das obras em análise, que voltam para si mesmos em uma tentativa desesperada de buscar sentido em uma realidade despedaçada, sem referencial e sem sentido prévio.

Referências Bibliográficas

ABELAIRA, Augusto. **A cidade das flores**. 7. ed. Lisboa: O Jornal, 1984.

_____. **Literatura em Portugal hoje**. (Entrevista à Susana Schild). Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 6, 28 de agosto de 1976.

_____. (1968). **Bolor**. Lisboa: O Jornal.

_____. **Quatro Paredes Nuas**. Amadora: Bertrand, 1972.

_____. **Nem só mas também**. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (orgs). **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

COLETTE, Jacques. *Existencialismo*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

ROBBE-GRILLET, Alain. **Por um novo romance**. São Paulo: Documentos, 1969.

_____ **O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. 5ª ed., Trad. Paulo Perdigão. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1997, 782 p.

Prof. Dra. Isabela Gomes Bustamante
belabustamante@gmail.com